



## **Unconventional Food Plants: Mapping of main actors in Distrito Federal Plantas Alimentícias Não Convencionais: Mapeamento dos atores-chave no Distrito Federal**

Hérika Nunes e Sousa<sup>1</sup>, Thaylline Kellen da Silva Araújo<sup>2</sup>, Bruna Pedroso Thomaz De Oliveira<sup>3</sup>, Stéphane Gérard Emile Guéneau<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário Euro Americano, [akirehbsb@gmail.com](mailto:akirehbsb@gmail.com)

<sup>2</sup> Centro Universitário Euro Americano, [thaylline97@gmail.com](mailto:thaylline97@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade de Brasília – UnB, Fundação Oswaldo Cruz Brasília, [bthomazoliveira@gmail.com](mailto:bthomazoliveira@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade de Brasília – UnB, [stephgueneau@gmail.com](mailto:stephgueneau@gmail.com)

**Resumo.** A compreensão sobre a mudança de hábito das pessoas pode interferir em toda uma rede de produção de alimentos, criando demandas e/ou fortalecendo mercados de comercialização, desta forma, “comer” tem sido considerado um ato político. É neste contexto que as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) - todas as plantas ou parte de plantas com função alimentícias que são negligenciadas e/ou subutilizadas - surgem em grandes centros urbanos brasileiros como um conceito emergente associado a um potencial de diversificação alimentar e valorização dos recursos naturais. A identificação dos atores que participam deste contexto permite mapear as relações criadas a partir destas plantas, evidenciando potenciais sociais que podem contribuir com fluxos sustentáveis na cadeia de alimentos. O objetivo deste trabalho foi identificar e mapear atores-chave do Distrito Federal que se relacionam com as PANC. A coleta de dados foi realizada a partir de saídas de campo exploratórias em locais estratégicos, onde foram identificados atores-chave que se relacionam com essas plantas em seus diversos aspectos, como produção, consumo e pesquisa. Dentre eles: Centrais de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa-DF), restaurantes, empreendimentos sociais e a Embrapa Hortaliças. Entrevistas abertas e semiestruturadas foram realizadas com atores selecionados de forma intencional, em uma amostra não probabilística, por meio da técnica “bola de neve”. Foram identificados 12 atores-chave, que se relacionam entre si, formando uma complexa rede que movimenta uma cadeia produtiva das PANC e que possui potencial de expansão, demonstrado pelo aumento da demanda de consumo local. Existe uma complexa rede de relações estabelecidas pelos atores-chave em torno das PANC no Distrito Federal, evidenciando suas potencialidades sociais.

**Palavras-chave:** Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC, produção de alimentos, consumo alimentar, alimentação saudável, sustentabilidade.

### **Introdução**

São múltiplas as dimensões que caracterizam a alimentação. Ela é um componente essencial para o ser humano e desempenha um papel central na organização de sua vida social (MINTZ, 2001). Suas diferentes interfaces extrapolam a noção de sociedade orgânica para manutenção fisiológica do corpo, alcançando grandezas que se traduzem em costumes, rituais, relações interpessoais e formas de trabalho (GIMENES, 2006). Trata-se, assim, de um tema extremamente complexo de ser trabalhado, podendo ser apreendido por diferentes formas de conhecimentos, sejam elas empíricas ou acadêmicas (PACHECO, 2008).

A alimentação humana é marcada pelas transformações da sociedade ao longo do tempo, na mesma intensidade que marca indivíduos e coletivos em seus padrões de vida. Além disso, há uma intensa interação entre a sociedade e a natureza em função da busca pelo alimento, gerando uma dialética em que as populações modificam seu meio natural e são modificados por ele (POULAIN, 2004). Sendo assim, a alimentação reflete a organização



Third International Conference  
**AGRICULTURE AND FOOD  
IN AN URBANIZING SOCIETY**  
17 - 21 SEPTEMBER 2018 | PORTO ALEGRE | BRAZIL



social de um grupo, suas concepções e práticas (sejam de manejo, produção ou processamento) relativas ao alimento, no tempo presente.

A demanda pelo alimento derivou inúmeras descobertas, dentre elas a agricultura. A agricultura é um fenômeno que modifica significativamente as formas de comer da humanidade (MAZOYER; ROUDART, 2010). As transformações da própria agricultura ao longo da história expressam tanto as maneiras de sobrevivência dos agrupamentos humanos quanto os recursos naturais utilizados para sua alimentação; e, há uma grande diversidade de espécies e variedades vegetais utilizadas pela humanidade, bem como de formas de organização em torno da agricultura em todo o mundo.

Alguns autores referem essa diversidade como agrobiodiversidade (MACHADO, SANTILLI, MAGALHÃES, 2008), ou seja, a multiplicidade de elementos de espécies vivas e arranjos sociais que formam ecossistemas necessários para produção de alimentos. Ao longo do século XX, contudo, temos observado o desaparecimento de diversas plantas alimentícias e variedades outrora convencionais, resultando em uma grande perda dessa agrobiodiversidade (THRUPP, 2000).

A grande transição nutricional em curso é uma expressão das diferentes confluências do sistema agroalimentar vigente. Esta transição deriva das intensas mudanças nos padrões de alimentação da população mundial, com enfraquecimento dos padrões alimentares tradicionais substituídos pelo consumo de alimentos processados industrialmente. Além de interferir nos aspectos relacionados a saúde e bem-estar das pessoas, por estar associado ao aumento de obesidade e incidência de doenças crônicas, este novo padrão alimentar também se mostra insustentável (RIBEIRO, JAIME, VENTURA, 2017).

A produção de alimentos ultra processados possui uma intrínseca relação com o modelo de agronegócio, que fornece os insumos (grãos e carnes) para indústria de alimentos. Desta forma, além de se associar a um modelo de produção caracterizado pelo uso frequente e abusivo de agrotóxicos, uso intensivo do solo, redução da biodiversidade, dentre outros, o atual padrão alimentar das sociedades pode levar também a uma gestão insuficiente de seus resíduos ambientais, como as embalagens (RIBEIRO, JAIME, VENTURA, 2017).

O cenário de expansão da preocupação ecológica e dos riscos associados ao desenvolvimento tecnológico abre espaço para uma nova abordagem da alimentação, na qual a percepção e o uso das práticas e escolhas de consumo se tornam uma ação política, pois materializa e torna público valores e comprometimentos sociais e ambientais, deixando de ser apenas formas de reprodução das estruturas sociais reinantes. Desta forma, o ato de comer ultrapassa aspectos relacionados à satisfação de necessidades nutricionais modeladas pela cultura e passa a ser também um ato político e ideológico perpassados pelo valor da sustentabilidade (PORTILHO, CASTAÑEDA, CASTRO, 2011).

Com este plano de fundo, surge em 2007 o acrônimo Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) associado a um potencial de diversificação alimentar, diminuição dos impactos ambientais e valorização dos recursos naturais (KINUPP, 2007). Frutos, frutas, folhas, flores, rizomas, sementes e outras estruturas ou parte das plantas que podem ser consumidas pelo homem, sendo tanto espécies nativas, como exóticas, cultivadas ou espontâneas no território brasileiro, quer sejam domesticadas e cultivadas comercialmente, quer sejam apenas encontradas na natureza, compreendem as PANC (KINUPP e LORENZI, 2014).

Um levantamento preliminar realizado no Brasil mostrou a ocorrência de aproximadamente 2000 (duas mil) espécies não convencionais potencialmente comestíveis,



abrangendo cerca de 168 (cento e sessenta e oito) famílias. Em contrapartida, é observado no mundo um comportamento homogêneo em relação a origem das espécies mais importantes utilizadas como alimentos, no qual 52% delas são da Eurásia. Devido à ausência de informação, a maior parte das plantas alimentícias subespontâneas são descartadas e tratadas como invasoras nas lavouras brasileiras, deixando de ser explorados os potenciais econômico, alimentar e ambiental destas plantas (KINUPP e BARROS, 2004).

Diversos levantamentos de plantas alimentícias subutilizadas foram realizados em outros locais do mundo, como na Tailândia (CRUZ-GARCIA e PRICE, 2011), na Itália (SANSANELLI e TASSONI, 2014; GERACI, AMATO, DI NOTO et al., 2018), em Bangladesh (AZAM, BISWAS, MANNAN et al., 2014), na Colômbia (ROSETO-TORO, ROMERO-DUQUE, SANTOS-FITA et al., 2018), em cidades do Brasil (BARREIRA, PAULA FILHO, RODRIGUES et al., 2015; LEAL, ALVES, HANAZAKI, 2018) e em regiões do Himalaia (THAKUR, SHARMA, UNYAL, 2017; ARYAL, POUDEL, CHAUDHARY, 2018) e da África Ocidentais (AGBANI, KAFOUTCHONI, SALAKO et al., 2018). Estes estudos mostram a importância do cultivo e consumo de uma grande diversidade dessas plantas, a partir das diferentes utilizações relatadas, como o uso alimentício e medicinal, além do aspecto relacionado a preservação da biodiversidade.

O valor nutricional destas plantas está relacionado a teores significativos de sais minerais, vitaminas, fibras, carboidratos, proteínas, além do reconhecido efeito funcional (BRASIL, 2010). Quando comparadas a espécies comerciais de usos similares, algumas PANC se destacam por possuírem teores proteico e mineral superiores (KINUPP e BARROS, 2008). As PANC podem maximizar o potencial que um ambiente local proporciona. Muitas delas ocupam espaços onde há pouca insolação, cujo solo não é tão fértil, ou úmido ou seco demais para as culturas convencionais, e, por sua resistência e produção variada, garantem um alimento saudável, disponível o ano todo e sem grande custo. O cultivo de PANC valoriza a biodiversidade, pois resgata o uso de espécies nativas que ainda são subutilizadas como alimento (RANIERI, BORGES, NASCIMENTO et al. 2017).

No Brasil, a quantidade de trabalhos científicos ou mesmo de divulgação sobre PANC é crescente. Dos trabalhos encontrados, muitos destacam abordagens bromatológicas e bioquímicas particulares e algumas espécies, bem como realizam levantamentos, com abordagem etnobotânica em diferentes realidades (CHAVES, 2016; RANIERE, 2018). Até o momento, não foram encontradas análises das PANC na perspectiva de suas potencialidades sociais, do ponto de vista de aspectos simbólico culturais (RANIERE, 2018), nem como podem contribuir na formação de redes agroecológicas alternativas (GOODMAN et al, 2014; CASSOL, A. SCHNEIDER, 2015).

Considerando a emergência das PANC no contexto urbano de cidades brasileiras como uma expressão de alimentação sustentável, percebe-se uma popularização entre consumidores para acessar esses alimentos. A movimentação de pessoas e alimentos, a relação entre produtores e consumidores e entre eles com os alimentos configuram objeto de estudo deste trabalho. Sobre esse objeto agrega-se o olhar da antropologia sobre a comida e o comer, reconhecendo as representações simbólicas associadas a esses alimentos como aspectos que contribuem na estruturação de práticas alimentares coletivas.

O presente trabalho é uma síntese de dados preliminares da pesquisa Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC): Biodiversidade alimentar e suas representações no Brasil. O estudo integra as linhas de pesquisas em andamento do Observatório Brasileiro de



Hábitos Alimentares – OBHA<sup>1</sup>, coordenado e mantido pelo Programa de Alimentação, Nutrição e Cultura da Gerência Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Brasília. Este estudo, com abordagem antropológica, tem por objetivo compreender como as PANC contribuem para a formação de redes agroalimentares alternativas no Brasil. Ademais, é uma triangulação entre o Palin, o Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG Mader da Universidade de Brasília e alunas do curso de nutrição do Centro Universitário Euro Americano. Neste último, a pesquisa envolve o trabalho de conclusão de curso denominado “Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC): Potencialidades sociais no contexto urbano do Distrito Federal”, que objetiva analisar os aspectos sociais em torno do conceito de PANC no contexto urbano do Distrito Federal (DF), evidenciando suas potencialidades.

## **Objetivo**

Identificar e mapear atores-chave do Distrito Federal que se relacionam com as Plantas Alimentícias Não Convencionais.

## **Metodologia**

A coleta de dados foi realizada no Distrito Federal, entre maio e julho de 2018, a partir de saídas de campo exploratórias em locais estratégicos, onde foram identificados atores-chave que se relacionam com essas plantas em seus diversos aspectos, como produção, consumo e pesquisa. Dentre eles: a Central de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa-DF), onde encontram-se produtores, distribuidores e consumidores de produtos hortigranjeiros; restaurantes que comercializam produtos com PANC; projetos sociais que utilizam o tema como objeto de ativismo; e a Embrapa Hortaliças (unidade descentralizada da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa), referência de pesquisa científica sobre o tema. Entrevistas abertas e semiestruturadas foram compostas de questões que se referiam ao conhecimento do termo PANC, o tipo e o tempo de relação existente, a motivação e as perspectivas futuras para essa relação e foram realizadas com atores selecionados de forma intencional, em uma amostra não probabilística, por meio da técnica "bola de neve" (BERNARD, 2005). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, CAAE: 91204218.0.0000.5056, da Instituição de Ensino Centro Universitário Euro Americano - DF.

## **Resultados e Discussão**

A prática de georreferenciamento já é utilizada não somente por profissionais da geografia, mas por setores como o da saúde (PINA, 1998; MÜLLER et al, 2010). A proposta de mapear os atores-chaves implicados em diferentes frentes de trabalho relacionadas as PANC e distribuí-los no território do Distrito Federal foi a maneira encontrada para iniciar as

---

<sup>1</sup> O Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares é um atua de forma interdisciplinar no campo da saúde, antropologia, sociologia, políticas, agricultura e comunicação. Tem por missão ser um repositório vivo de pesquisas, trabalhos e ações que reflitam as diversas dimensões e significados dos hábitos alimentares brasileiros. Para mais informações acesse: [obha.fiocruz.br](http://obha.fiocruz.br)



sistematizações que contribuirão para a compreensão das práticas coletivas mediadas por estes alimentos. O arranjo espacial desses atores no território permite a apreensão dos fluxos e interpolações que podem existir entre pessoas, suas atuações e os territórios aos quais pertencem. A partir de saídas de campo, bem como de entrevistas semiestruturadas abertas, foram identificados 12 atores-chave principais elencados na Tabela 1, que traz também o projeto ou estabelecimento a que estão vinculados, bem como o local no DF em que estão situados.

**Tabela 1 – Atores-chave das Plantas Alimentícias Não Convencionais identificados no Distrito Federal.**

Atores	Projeto/Estabelecimento	Local
Pesquisador 1	Embrapa Hortaliças	Gama
Pesquisador 2	UnB – Laboratório de Sementes	Brasília - Asa Norte
Ativista/Empreendedor 1	Projeto ReFazenda	Brasília - Asa Norte e Sudoeste
Ativista 2/Pesquisadora 3	Crioula/UnB – PPG Mader	Brasília - Asa Norte
Ativista 3	Centro Universitário Euro Americano	Brasília - Asa Sul
Produtor 1	Chácara Pacari	Paranoá
Produtor 2	Flora Orgânicos	Núcleo Bandeirante
Produtor 3	Fazenda Bella	Brazlândia
Distribuidor 1	Restaurante Piauíndia	Vila Planalto
Distribuidor 2	Restaurante Girassol	Brasília - Asa Sul
Distribuidor 3	Restaurante BuritiZen	Brasília - Asa Norte
Distribuidor 4	Restaurante Faz Bem	Brasília - Asa Norte

Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando o objetivo deste trabalho, não evidenciaremos as entrevistas e ou registros em diário de campo realizados pela equipe de pesquisa. Dessa forma, o enfoque desta narrativa é a apresentação das categorias de atuação dos atores entrevistados, bem como as relações iniciais vivenciadas por meio das saídas de campo até o momento, compondo os primeiros desenhos dessa cena PANC no Distrito Federal.

Em relação as categorias, considerando o *espírito etnográfico* proposto por Uriarte (2012), este mapa começou a ser formado a partir das aproximações junto ao trabalho desenvolvido pela ativista 2. A categoria ‘ativista’ é composta pelo agrupamento de entrevistados e entrevistadas que possuem atuação de envolvimento e engajamento com o tema, de forma a propor ações educativas e de divulgação das PANC para a comunidade. A partir disso, foram identificadas as demais categorias baseadas na natureza do trabalho desempenhado pelas pessoas, do ponto de vista de produção, pesquisa e distribuição.

Desta forma, foram considerados ‘pesquisadores’, estudantes de graduação e pós-graduação que desenvolveram trabalhos científicos na área, bem como os trabalhadores de instituições de pesquisa, como a Embrapa. Dentre os ‘produtores’, considerou-se os atores que trabalhavam diretamente com o plantio e cultivo das PANC, com o objetivo de comercialização e aquisição de renda. Na categoria ‘distribuidores’, foram englobados os restaurantes, por sua atuação característica de intermediário entre o produtor e o consumidor final. Estas categorias emergiram a partir da aproximação com entrevistados e entrevistadas.

Existem muitas bordas que se interpolam em relação a natureza de trabalho entre as pessoas e lugares ligados as PANC no DF, aspecto que discutiremos adiante. Essa percepção materializou-se na saída de campo à Central de Abastecimento do Distrito Federal – Ceasa DF, onde foi possível identificar atores representantes de algumas das categorias elencadas,



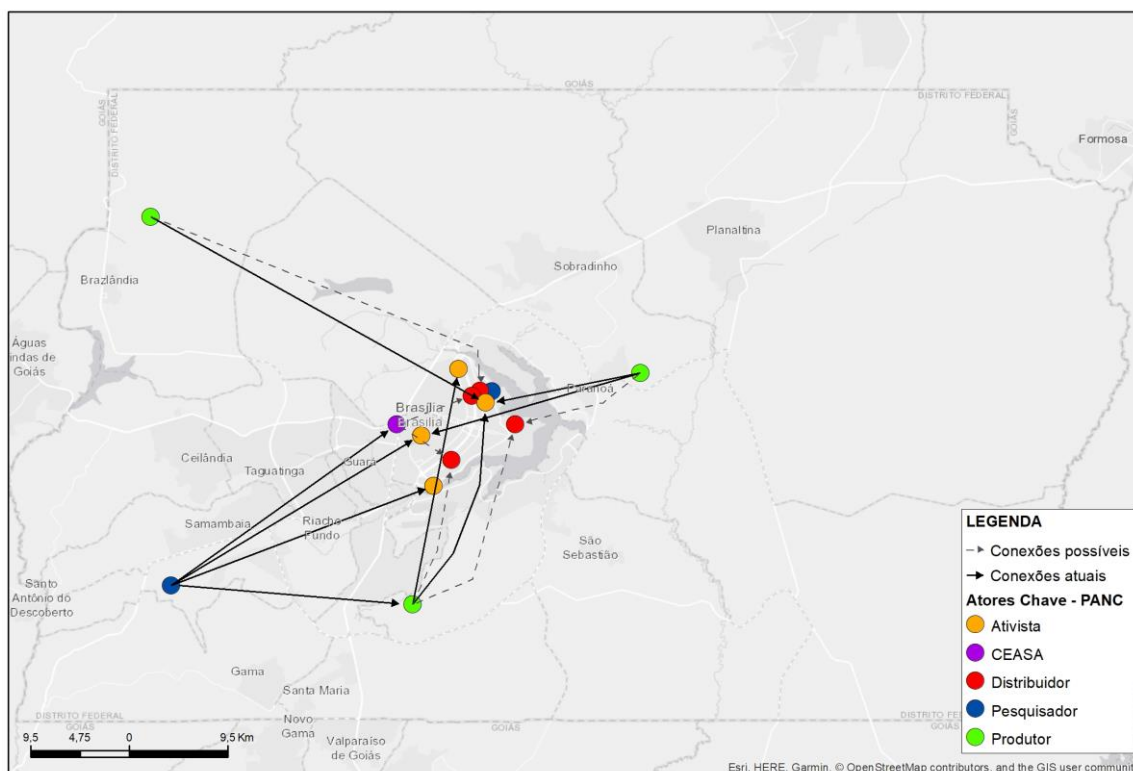


como produtores e distribuidores, bem como dos consumidores finais. Esse contexto sinaliza que o local se destaca por possibilitar a formação de importantes e complexas relações em torno das PANC, sendo considerado estratégico. Em reconhecimento da relevância deste espaço por representar diversas categorias deste trabalho, a CEASA DF está incluída no mapeamento (Figura 1), mas sem representação de algum ator chave (Tabela 1). Isso considerando que este local requer mais investida de campo para identificação de atores que possam compor nosso mapeamento.

Apesar de considerar a importância fundamental do consumidor final nas relações estabelecidas, possuindo um papel de indutor da cadeia produtiva das PANC, esta categoria ainda não foi explorada nesta primeira fase da pesquisa. A identificação dos atores envolverá outras metodologias, como a de observação participante nos principais pontos de distribuição e irá compor uma segunda fase do projeto.

A Figura 1 apresenta as conexões iniciais identificadas, representadas por setas, entre as categorias e os atores-chave, formando uma rede de interações. Nela é possível observar a existência de relações entre pesquisadores e produtores, entre produtos e ativistas e entre pesquisadores e ativistas.

**Figura 1 - Rede estabelecida pelos atores-chave em Plantas Alimentícias Não Convencionais no DF.**



Além da identificação e categorização dos atores chave, os dados iniciais da coleta nos permitem reconhecer que as motivações que estabelecem as relações entre eles são diversificadas, porém é possível destacar as mais prevalentes. Nas conexões formadas entre pesquisadores e produtores, a principal motivação se estabelece pelo fornecimento de mudas e sementes dos bancos de guarda dos pesquisadores para o cultivo dos produtores. Entre



produtores e ativistas, a motivação surge pela relação de fornecedores da matéria-prima principal, as PANC, para o trabalho de educação e divulgação dos ativistas para a comunidade.

Em relação a categoria de pesquisadores, outra motivação pode ser destacada quando se trata das relações formadas com outros atores. Foi observado que esta categoria possui uma importante função de incentivadora e formadora de outros atores ativistas e produtores. Ou seja, o campo da pesquisa também incentiva a multiplicação da rede a partir da oportunidade de aprendizado que ele proporciona.

Apesar do potencial existente para formação de relações entre produtores e distribuidores, identificados na Figura 1 pelas linhas pontilhadas, não foram observadas conexões entre estes atores. Alguns distribuidores elencados na pesquisa se auto relataram produtores destas plantas e os demais sinalizaram outros produtores que forneciam uma diversidade de matéria-prima, além das PANC.

Resgatando a reflexão sobre as bordas e naturezas de trabalho que se interpolam, é possível identificar relações entre pesquisadores e ativistas, tendo em vista que entre os entrevistados há quem já exerce o trabalho de pesquisa e se implicou na temática das PANC, como é o caso do Pesquisador 1, assim como, há jovens (Ativista 2/Pesquisadora 3 e Ativista 1/Empreendedor 1) que se aproximaram do tema durante sua formação acadêmica em diferentes cursos de graduação. Essa aproximação, por sua vez, impulsionou seus engajamentos para trabalhar com o tema, seja por meio de atividades de educação e divulgação, seja pela escolha de prosseguir investigações científicas em cursos de pós-graduação ou ambas as possibilidades integradas.

Em relação a distribuição espacial dos atores-chave da pesquisa, observa-se que tanto os ativistas quanto os distribuidores concentram-se na região mais central do DF, em Brasília e nas suas proximidades. Além disso, quando a categoria envolve questões de plantio e cultivo, como é o caso da pesquisa e da produção, a tendência é que os atores se dispersem para regiões mais afastadas do centro, mais próximas de regiões rurais.

Por fim, observou-se que a rede formada possui potencial de expansão, já que os relatos iniciais identificados na pesquisa apontam para um aumento da demanda de consumo local, que pode influenciar de forma positiva a produção e oferta destas plantas nas feiras e centros de distribuição do Distrito Federal. Este processo de expansão é observado como consequência dos trabalhos de divulgação e educação realizados em todas as categorias, com destaque para os ativistas no tema. Nesse sentido, essa 'rede PANC' no Distrito Federal pode compor iniciativas sociais plurais que contribuam na consolidação de redes alternativas agroalimentares, conceito abordado pela ciência (GOODMAM et al, 2015; CASSOL e SCHNEIDER, 2015) que reflete sobre como podem ser desenvolvidos espaços de possibilidade que ressignifiquem o sistema agroalimentar vigente e seus desdobramentos deletérios a saúde humana e ambiental.



## Conclusão

A distribuição espacial dos atores chave que trabalham com Plantas Alimentícias Não Convencionais no Distrito Federal e análise de suas relações revelou uma complexa rede com potencial de expansão. Expansão do ponto de vista de produção e consumo dessas plantas somadas ao engajamento ativista que qualifica essas práticas com os valores propostos na concepção dessa categoria de alimentos. Nesse sentido, essa 'rede PANC' no Distrito Federal pode compor iniciativas sociais plurais que contribuam na consolidação de redes alternativas agroalimentares.

Nossa hipótese é que ao adentrar nas análises acerca das motivações de mobilização, manutenção e fortalecimento dessa rede conseguimos compreender as potencialidades sociais geradas dessas relações no território. Para isso, pretende-se estender as aproximações com consumidores finais para ampliação da compreensão dessa rede; categorizar as motivações de gatilho e manutenção da atuação desses atores, da produção ao consumo, da pesquisa ao ativismo; como também, refletir sobre como esses impulsos somados aos fluxos e processos que se estabelecem entre eles contribuem para o entendimento das potencialidades sociais que dinamizam esse fenômeno social em busca da biodiversidade alimentar e conservação ambiental mediado pelas PANC.

## Referências

- AGBANI, P. O.; KAFOUTCHONI, K. M.; SALAKO, K. V.; GBEDOMON, R. C.; KÉGBÉ, A. M.; KAREN, H.; SINSIN, B. Traditional ecological knowledge-based assessment of threatened woody species and their potential substitutes in the Atakora mountain chain, a threatened hotspot of biodiversity in Northwestern Benin, West Africa. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, Benin, v. 14, n. 21, 2018.
- ARYAL, K. P.; POUDEL, S.; CHAUDHARY, R. P.; CHETTRI, N.; CHAUDHARY, P.; NING, W.; KOTRU, R. Diversity and use of wild and noncultivated edible plants in the Western Himalaya. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, Nepal, v. 14, n. 10, 2018.
- AZAM, F. M. S.; BISWAS, A.; MANNAN, A.; AFSANA, N. A.; JAHAN, R.; RAHMATULLAH, M. Are Famine Food Plants Also Ethnomedicinal Plants? An Ethnomedicinal Appraisal of Famine Food Plants of Two Districts of Bangladesh. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, Bangladesh, 2014.
- BARREIRA, T.F.; PAULA FILHO, G.X.; RODRIGUES, V.C.C.; ANDRADE, F.M.C.; SANTOS, R.H.S.; PRIORE, S.E.; PINHEIRO-SANT'ANA, H.M. Diversidade e equitabilidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Campinas, v.17, n.4, supl. II, p.964-974, 2015.
- BERNARD, H. R. *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. AltaMira Press: Lanham, 2005.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Hortaliças não-convencionais: (tradicionais)* Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Brasília: MAPA/ ACS, 2010. 52 p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Manual de hortaliças não-convencionais*. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Brasília: Mapa/ACS, 2010.
- CASSOL, A. SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: novas redes e atores. *Revista Lua Nova*. São Paulo, 2015.
- CHAVES, M.S. *Plantas Alimentícias Não Convencionais em Comunidades Ribeirinhas na Amazônia*. 2016. 123 f. Tese (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Agroecologia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.





Third Internacional Conference  
**AGRICULTURE AND FOOD  
IN AN URBANIZING SOCIETY**

17 - 21 SEPTEMBER 2018 | PORTO ALEGRE | BRAZIL



CRUZ-GARCIA, G. S.; PRICE, L. L. Ethnobotanical investigation of 'wild' food plants used by rice farmers in Kalasin, Northeast Thailand. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. The Netherlands, v. 7, n. 33, 2011.

GERACI, A.; AMATO, F.; DI NOTO, G. BAZAN, G.; SCHICCHI, R. The wild taxa utilized as vegetables in Sicily (Italy): a traditional component of the Mediterranean diet. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. Italy, v. 14, n. 14, 2018.

GIMENES, M. H. S. G. Patrimônio Gastronômico, Patrimônio Turístico: uma reflexão introdutória sobre a valorização das comidas tradicionais pelo IPHAN e a atividade turística no Brasil. GT 3 - Gastronomia y desarrollo local. IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. 7 a 8 de julho. Caxias do Sul, 2006.

GOODMAN, D.; DUPUIS, M.; GOODMAN, M. *Alternative Food Networks*. Routledge. New York, 2012.

KINUPP, V. F. Plantas alimentícias não-convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. 2007. 562 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Faculdade Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alimentícias alternativas no Brasil. *Horticultura brasileira*, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 2, 2004.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, Campinas, v. 28, n. 4, 846-857, 2008.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. *Plantas Alimentícias Não-convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. 1 ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LEAL, M. L.; ALVES, R. P.; HANAZAKI, N. Knowledge, use, and disuse of unconventional food plants. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, Brazil, v. 14, n. 6, 2018.

MACHADO, A. T. SANTILLI, J. MAGALHÃES, R. Agrobiodiversidade - Conceituação. IN: MACHADO, A. T. SANTILLI, J. MAGALHÃES, R. *A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas*. Embrapa Informação Tecnológica. Brasília, 2008.

MAZOYER, M; ROUDART, L. INTRODUÇÃO. IN: MAZOYER, M; ROUDART, L. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. Editora UNESP. Brasília, pg. 41-50, 2010.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, out. 2001.

MULLER, E.P.L.; CUBAS, M.R.; BASTOS, L.C. Georreferenciamento como instrumento de gestão em unidade de saúde da família. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Curitiba, 2010.

PACHECO, S. S. M. O hábito alimentar enquanto um comportamento culturalmente produzido. IN: FREITAS, M. C. S; FONTES, G. A. V; OLIVEIRA, N. *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. EDUFBA. Salvador, p.217-238, 2008.

PINA, M.F.R.P. *Os sistemas de informações geográficas: conceitos e aplicações*. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro, 1998.

PORTILHO, F.; CASTAÑEDA, M.; CASTRO, I. R. R. de. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, 2011.

POULAIN, J. P. Apresentação e Permanências e transformações da alimentação contemporânea. IN: POULAIN, J. P. *Sociologias da Alimentação*. Editora da UFSC. Florianópolis, 2004. pg. 20-28.

RANIERI, G. R.; BORGES, F.; NASCIMENTO, V.; GONÇALVES, J. R. *Guia prático sobre PANC: plantas alimentícias não convencionais*. 1ed. São Paulo: Instituto Kairós, 2017.

RANIERI, G. R. Levantamento etnobotânico das plantas alimentícias nos municípios de Areias e São José do Barreiro - SP: um patrimônio nos quintais urbanos. 2018. Tese (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, do Instituto de Energia e Ambiente, Universidade São Paulo, São Paulo.



Third Internacional Conference  
**AGRICULTURE AND FOOD  
IN AN URBANIZING SOCIETY**

17 - 21 SEPTEMBER 2018 | PORTO ALEGRE | BRAZIL



RIBEIRO, H.; JAIME, P. C.; VENTURA, D. Alimentação e sustentabilidade. Estudos Avançados, São Paulo, v. 31, n. 89, 2017.

ROSETO-TORO, J. H.; ROMERO-DUQUE, L. P.; SANTOS-FITA, D.; RUAN-SOTO, F. Cultural significance of the flora of a tropical dry forest in the Doche vereda (Villavieja, Huila, Colombia). Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, Mexico, v. 14, n. 22, 2018.

SANSANELLI, S.; TASSONI, A. Wild food plants traditionally consumed in the area of Bologna (Emilia Romagna region, Italy). Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, Italy, v. 10, n. 69, 2014.

THAKUR, D.; SHARMA, A.; UNİYAL, S. K. Why they eat, what they eat: patterns of wild edible plants consumption in a tribal area of Western Himalaya. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, India, v. 13, n. 70, 2017.

THRUPP, L. A. Linking agricultural biodiversity and food security: the valuable role of agrobiodiversity for sustainable agriculture. International affairs. v. 76, n. 2, p. 283-297, 2000.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Ponto Urbe - Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. São Paulo, 2012. Disponível: <https://pontourbe.revues.org/300>. Acessado em 19 de julho, 2017.